



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13966 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

VOOANDANÇAS ERRANTES EM/COM/NAS ARTES GUARANI MBYÁ EM DIFFÉRANCE

Renata Rosa Weixter - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

### VOOANDANÇAS ERRANTES EM/COM/NAS ARTES GUARANI MBYA EM *DIFFÉRANCE*

#### Resumo

Essa escrita foi constituída em *vooandanças* errantes com as artes em *différance* dos indígenas Guarani *Mbyá* da *Tekoa Ka'aguy Porã*, localizada em Aracruz, Espírito Santo, na construção do plano de imanência do conceito *différance* dessas artes como potência de resistência e de reexistência indígena mediante a realidade de supressão de direitos, vulnerabilidade socioeconômica e macropolíticas de aniquilamento. Esse conceito foi constituído em/com/nas redes de conhecimento da aldeia na criação de táticas, inventividades, bricolagens e nas performatividades das práticas artísticas indígenas cujas tessituras burlam referenciais preconcebidos. Em diálogo com a Filosofia da Diferença e intercessão de Gilles Deleuze e Felix Guattari, o processo de investigação deu-se na cartografia dos movimentos errantes e das *hecceidades* da multiplicidade dessas artes praticadas em *différance*, traduzindo o meio contemporâneo marcado por fronteiras, negociações e hibridismos. Conclui que as narrativas menores dos saberes e fazeres artísticos indígenas em *différance* são potências na produção das realidades como *máquinas de guerra nômade* que contestam a metanarrativa, burlam regras e códigos oficiais, desvelam o que está encoberto, desnudam a nudez, habitam em linhas moleculares e escapam por linhas de fuga, emergindo pelas fendas nos/dos/com cotidianos e criando formas de reexistências que transmutam resistência nos processos de identificação indígena.

Palavras-chave: Artes Guarani Mbyá. *Différance*. Resistência. Reexistências.

#### DEVIR-PÁSSARO EM VOOS ERRANTES

Escrita em devir-pássaro, essa *vooandança* errante traz deslocamentos compostos na criação e na produção das artes em *différance* dos indígenas Guarani *Mbyá* da *Tekoa Ka'aguy Porã*,

Aldeia Nova Esperança, localizada no Município de Aracruz, Estado do Espírito Santo, com o objetivo de construir um plano de imanência para a constituição dessas artes como estratégia de *máquina de guerra nômade* e potência de resistência e de reexistência indígena.

Em diálogo com a Filosofia da Diferença e com a intercessão de Gilles Deleuze e Felix Guattari, o processo de investigação deu-se na cartografia dos movimentos errantes dessas artes praticadas em *différance*. Cartografia realizada em devir-pássaro no fluxo das intensidades dos ventos, aguçando os sentidos aos cheiros e às cores das frutas maduras e também o instinto de sobrevivência às intempéries, resistindo aos perigos e reexistindo nos *espaçostempos* de deslocamentos em errância, pois “[...] não pensamos sem nos tornarmos outra coisa, algo que não pensa: um bicho, um vegetal, uma molécula, uma partícula, que retornam sobre o pensamento e o relançam” (DELEUZE e GUATTARI, p. 58, 1992).

Destarte, essa vooandança além da constituição do plano de imanência das artes indígenas da *différance*, também é a potência criadora do conceito de *videonarrativos* que produzem narrativas por meio imagens e sons de uma realidade não programada, não roteirizada e esquematizada previamente. Os *videonarrativos* são produzidos por meio dos agenciamentos em devir, as *hecceidades* que produziram efeitos e deslocaram o roteiro inicialmente planejado. Cenas do cotidiano que capturaram o olhar e os sentidos e que foram gravados de forma espontânea e que não requerem explicação, pois são narrativas de si.

Assim a ênfase do trabalho não reside na constatação da presença de produtos ou artefatos culturais oriundos de representações, modelos discursivos, critérios ou normas forjados no arcabouço das identidades fixas, dar-se no que compõe à diferença, ou seja, na tática, na invenção, na bricolagem e na performatividade das práticas cujas tessituras burlam tais referenciais prescritos e preditos, no entendimento de que o “[...] cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 1998, p.39).

E nessa caça de mim, me deparei com a limitação da fisicalidade e senti a urgência pelo devir-pássaro, não como imitação de uma forma molar, mas com as intensidades de um pássaro em sua dimensão molecular. Nessa desconstrução, encarno que a aventura da vida está no acontecimento, no que agencia e impulsiona a saltar para fora do ninho e a voar... E assim passo a voandar com os Guarani Mbyá a cartografar suas artes em deslocamentos como potência e apresento resumidamente aqui no afã de produzir máquinas desejanças de lê-lo e sabê-lo mais profundamente em potência revolucionária.

## **VOOANDADORES DE NOVA ESPERANÇA**

A diáspora Guarani saindo do sul do Brasil até sua chegada ao Espírito Santo constituiu-se em uma longa desterritorialização em devir-pássaro. Sem roteiro específico ou uma estrada a seguir, a longa caminhada de quarenta anos foi motivada pelo sonho de uma *tekoha* sem males onde o povo Guarani *Mbyá* foi criando os caminhos, reterritorializando em locais propícios com matas, frutas, águas e animais de forma a conseguirem chegar num pouso final que significaria novos começos, deslocamentos e desterritorializações outros.

O devir-pássaro Guarani *Mbyá* compõe uma perspectiva ética por meio da experimentação, uma ética nômade, do deslocamento, do movimento formando um geóetica errante na criação de *différences*. As linhas de deslocamentos compostas na *différance* fazem alusão ao conceito cunhado por Jacques Derrida que em *La différance in Marges de la Philosophie* (2003) que apresenta a desconstrução da palavra *différance* como diferencia e o deslocamento entre o significante e o significado em ressignificando os significados já estagnados.

Cartografia em errâncias, em desenho geográfico territorial movediço, com deslocamentos de rotas e mapas a cada imersão. Tudo é mudança! Tudo é deslocamento! Tudo é *différance*!



Meu corpo em devir-pássaro, após passar pela aridez desses desertos onde a vida em sua multiplicidade busca pela sobrevivência em meio à monocultura da selva *verdedesértica*, sente, enfim, que pousou em *solocéu*. Ao voandar longos trechos em mais de duas horas e meia de viagem, chegar à aldeia é sentir o efeito quase orgástico de potência de vida no bom encontro com as águas do Rio *Sauê*, com as matas e as frutas da reserva florestal e, especialmente, com as pessoas, bando passarada que reside no território. É sentir-me em casa.



O escuro para o Guarani significa criação do mundo e, assim, o sol parte e ficam todos entretidos ao redor da fogueira na aldeia, em que é possível voandar a uma dimensão onde é tênue a fronteira entre o real e o imaginário, o território dos mitos, dos cantos com flautas aos pios de pássaros.

## O QUE PODE UM CORPOARTE ALADO?

O simbolismo do sagrado presente nas concepções do fazer artístico e na arte de viver e, também, a arte inventada e criada para a comercialização adotam uma estratégia de simulação e de disfarce residindo na aparência estética afim de apresentar a identidade indígena pré-concebida nas metanarrativas e reafirmá-la com o objetivo de comercializar os produtos culturais mantendo, dessa forma, a sobrevivência e a sustentabilidade financeira da aldeia.

É uma *máquina de guerra nômade* que se utiliza de estratégias para manter uma imagem, mesmo cientes de ser uma imagem estereotipada e que coloca o indígena na condição de exótico ou puro. A palavra estratégia é utilizada aqui por ter uma relação de poder e de forças planejada pelos próprios indígenas com intenções bem definidas, pois essa imagem não é produzida como uma cópia, mas como um simulacro. Os simulacros não são uma representação idêntica à ideia, não uma imitação, mas é uma dissimulação composta em singularidade e diferença.

A cestaria Guarani é ancestral e o ato de tecê-la remete ao sagrado Guarani e, por isso, existe uma forma típica de produção, entretanto, no *videonarrativo*, a indígena Guarani *Mbyá Pará*

*Mirim*, Cláudia Benites, cria a partir da técnica da cestaria uma bolsa que funciona como porta-celular. Sendo esse um acessório muito necessário, a Cláudia já recebeu várias encomendas.



Assim como na cestaria, a criação de arte da *différance* tem a forte presença da bricolagem e do hibridismo artísticos em muitas outras manifestações. O Congo também é uma arte ancestral, porém apresenta-se com deslocamentos, como no vídeonarrativo abaixo, mesclada com a música clássica da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo.



O audiovisual na produção fílmica é uma das artes praticadas de maior impacto na Aldeia Guarani Nova Esperança atualmente. A aldeia criou o coletivo de jovens produtores de filme chamado *ReiKwaapa – Saberes Guarani* que produziu uma web série de 4 episódios, totalmente realizada pelos indígenas.



O processo de repetição das cenas produzia a própria diferença e na cartografia desses deslocamentos pude conectar a questão deleuziana da diferença e da repetição que mostra que estão implicadas mutuamente no eterno retorno, no simulacro, ou seja, a identificação é a repetição da diferença por meio do desigual, do disjunto e do deslocamento como vontade de potência movida pelas intensidades.

A simulação das cenas produziu a potência da diferença por conta das intensidades e do próprio diferencial das forças. Os indígenas ao se expressarem repetidamente no intuito da reprodução produziam simulacros de si, produziam aspectos diferentes de si, produziam por meio da criação, processos de identificação.

A resistência é potência da criação artística, não há imitação, não há critérios pré-estabelecidos, regras e modelos padronizados, a resistência como potência da arte não é arborescente, não tem raiz, é rizoma cujas linhas se cruzam em agenciamentos infinitos e múltiplos. Parafraseando Nietzsche, na criação artística há o desejo de potência (DELEUZE,

PARNET, 1998).

Dentre essas e as inúmeras potentes artes da *différance* cartografadas, apresento, por fim, o deslocamento do modo de tocar o pau de chuva em uma nova invenção que não apenas popularizou os saberes ancestrais desse instrumento ritualístico, mas também o transportou para uma dimensão contemporânea como uma *máquina de guerra nômade* de se fazer presente em uma das principais galerias do Estado do Espírito Santo, a Galeria Homero Massena.

A instalação da Exposição *Tempo Chuva Porã* aconteceu no bom encontro da arte eletrônica com as artes Guarani *Mbyá* da Aldeia Nova Esperança, mesclando a música eletrônica sintetizada e o som dos paus de chuvas, produzindo a *différance* em ambos por meio dos sons e ritmos resultantes das variadas combinações das rotações de cada instrumento potencializando a imersão do público visitante em diferentes sensações, sentimentos e emoções.



## VOOANDAR E ESPERANÇAR

Para Deleuze e Guattari (1992) a arte é resistência, pois só “[...] a arte resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 1992). Destarte, as artes indígenas a-significadas, ou seja, reinventadas e criadas a partir da tradição expressa na oralidade são praticadas utilizando novos elementos constantes nas temporalidades outras ou nos diferentes processos identitários dos seus praticantes. O deslocamento dessas práticas em *différance* não expropria os seus valores culturais, o efeito é exatamente o contrário, permite que alcancem maior visibilidade em *espaçostempos* outros para além das redes de conhecimento estabelecidas no interior da aldeia e, assim, os indígenas praticantes também alcançam maior visibilidade para seus modos de reexistência, suas lutas, seus direitos.

A reexistência voanda nesse fluxo, lado a lado com aquilo que se opõe frente ao inimigo, mas disfarçado com aquilo que lhe diverte os olhos. Uma *máquina de guerra nômade* que se afirma em uma unidade identitária e vive uma multiplicidade de processos de identificação que cria, inventa e produz artes para forjar uma nova realidade, uma mudança de concepção pautada na diferença dos corpos indígenas, seus jeitos, modos, saberes e fazeres que culminam em identidades híbridas, que se deslocam na *différance*.

Tanto a reprodução quanto a criação da arte Guarani *Mbyá* revelam-se como *máquina de guerra nômade*, conceito esse entendido no sentido *deleuze-guattariano* em que contrário aos liames da interioridade e da identidade estabelecidos pela *máquina-Estado*, a *máquina de guerra nômade* busca singularidades culturais em suas relações de exterioridade e não em propriedades intrínsecas, a exterioridade imanente da *máquina de guerra* constitui-se como a pura *différance*.

As práticas curriculares, destarte, podem voandar no reconhecimento do outro sem estrangular a singularidade, àquilo que compõe o outro em sua diferença. Trata-se também de

uma prática de desconstrução de hegemonias das identidades estereotipadas e fixadas pelas propostas curriculares e também por muitas pesquisas que ainda insistem na aposta de uma identidade-essência indígena.

Partindo da ideia de sistema aberto a-centrado e a-significante de Deleuze e Guattari (2011) como plano de imanência para pensarmos em possibilidades de um Currículo Errante como caminhos que mapeiam a multiplicidade como múltipla em si mesma em uma ontologia de seu próprio ser.

Currículo como um mapa aberto, que se desloca em errância e em conexão com os agenciamentos e hecidades, com o voo dos pássaros em potência de alegria. Destarte, o currículo errante é o próprio mapa, é próprio caminhar, é o próprio rizoma, fluindo e rompendo sem programação fixa, ao sabor das intempéries e dos bons encontros, suscetível às modificações constantes em *différance*.

Mais que a equidade de direitos, os Guarani *Mbyá* buscam o direito à diferença que compõem as suas subjetividades e singularidades sempre em constante transformação que encontra nas práticas artísticas um terreno fértil para o cultivo/cultura das relações tecidas em redes, cujos tentáculos inventam e reinventam cotidianos que se deslocam em errância.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. [Tradução de Ephraim Ferreira Alves] 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. [Tradução Peter Pál Pelbart]. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Cinema: A Imagem-movimento*. [Tradução de Stella Senra]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claret. *Diálogos*. [Trad. Eloisa Araújo Ribeiro]. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* [Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1*. [Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa] São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia - Vol. 04*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Kafka: Por uma literatura menor. 1ª Edição*. [Tradução: Cíntia Vieira da Silva]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DERRIDA, J. *La différance in Marges de la Philosophie*. Paris: Les Editions de Minuit; Collection «Critique», 2003.

GUATTARI, E; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

